



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

VISITA A PICUÍ *

Picuí, PB
10 de maio

Em visita a Picuí, na Paraíba, o presidente Sarney faz o elogio das pequenas cidades do interior do Brasil, fala como é difícil a luta contra a pobreza e para desenvolver o Nordeste, e afirma que todo brasileiro, de qualquer partido, deve lutar contra a violência.

10 de maio — O Presidente José Sarney, ao inaugurar o Hospital Marly Sarney, em Picuí (PB).

— O Presidente Sarney, em entrevista coletiva, afirma que não participará e nem interferirá na campanha para a escolha de seu sucessor: «Vou apenas acompanhar, mas não interferir».

Como o Professor Filipe Tiago Gomes, não sei se terei a oportunidade de ler, também, o meu discurso.

A tentação de falar com as mãos livres é muito grande, sobretudo quando temos, além das mãos frias de emoção, o coração batendo de agradecimento e gratidão.

Esta é uma oportunidade de rever a Paraíba, esta Paraíba extraordinária que está inserida dentro do meu mun-

* Com improvisos.

do sentimental, porque todos sabem que a família dos meus avós é da Paraíba. Meu avô, da cidade do Ingá; minha avó, da Lagoa Grande. A minha meninice está povoada, repleta das histórias da Paraíba, que à luz de uma lamparina de querosene, destas lamparinas tão simbólicas da pobreza do interior, eu ouvi, tantas noites, a história das caminhadas deste sofrido povo nordestino. Caminhos de Itabaiana, histórias do cangaço, histórias das lutas da vida. E quanto mais anoitecia, menino que eu era, eu pedia ao velho Assuero: «Conte-me mais histórias da Paraíba.»

Há pouco, inaugurei uma pequena casa, num desses milhares de conjuntos de mutirão que se constrói no Brasil inteiro, pelas mãos do povo, dadas às mãos do governo.

Eu sei perfeitamente o que é uma pequena cidade. Eu tenho visitado, como Presidente, e mais do que todos os Presidentes, o interior do Brasil e as pequenas cidades do Brasil. Não tenho sido o Presidente que tem visitado as capitais. Eu estive em São Gabriel da Cachoeira, lá na fronteira do Brasil, o alto Amazonas. Eu estive no Oiapoque, estive no interior e no sertão da Bahia, do Maranhão, de Minas, e mesmo em São Paulo fui a Lençóis Paulista, uma pequena cidade, em companhia de Orígenes Lessa, para inaugurar a biblioteca.

Eu sei o que é uma pequena cidade porque eu nasci numa pequena cidade. Talvez menor, naquele tempo, do que Picuí. Numa casa também um pouco maior do que a casa que eu inaugurei há poucos instantes. Com uma diferença: que lá, naquela pré-Amazônia, nós não tínhamos luz, estradas, médicos, água. Enfim, sobrevivíamos graças a esta vontade extraordinária que fez, da história do homem, a história da coragem.

E aqui em Picuí nós estamos vendo uma síntese, nesta breve visita, daquilo que tem sido possível fazer nestes tempos de mudança pelo Brasil.

O programa das creches (mais de 3.000 creches iguais àquelas que nós inauguramos aqui) já foram construídas no Brasil pela Legião Brasileira de Assistência.

Ano passado, mais de 500.000 casas foram construídas, também nesse sistema de mutirão, para as pessoas

mais pobres, porque nós temos procurado ajudar os mais pobres. E, sobretudo, porque são os que mais precisam, mas também são os que menos dão notícia. Mas nós não estamos atrás de notícias. Nós ficamos felizes quando vemos, e sabemos que, diariamente, no Brasil inteiro, uma criança bebe um litro de leite, quando antigamente não bebia, às vezes, nem um copo d'água tratada. São seis milhões e a cada dia cresce mais. A Legião Brasileira de Assistência é a maior agência de desenvolvimento social da América do Sul. E temos, através da Legião, marchado nos programas de ajuda alimentar, nos programas de ajuda hospitalar e desenvolvido programas sociais no Brasil inteiro.

Quando os historiadores do futuro se debruçarem sobre este momento da História do Brasil, eles vão verificar que foi neste instante que a sociedade brasileira deu a sua mudança, a sua inflexão, porque foi neste tempo que a sociedade começou a participar. Participar através das comunidades, participar através da sua voz, da ocupação dos seus espaços. Os trabalhadores defendendo os seus direitos, o povo dizendo o que pensa, o que quer, sem medo de ninguém. Foi nesse período em que mais forte, em toda a História do Brasil, os ventos da liberdade puderam balançar as consciências deste País inteiro.

E tenho absoluta certeza de que o poder criador da liberdade, que o poder extraordinário da democracia pode realizar aquilo que o prefeito disse, terminando o seu discurso: trazer a paz pela liberdade e o desenvolvimento pela democracia. Sobretudo, porque o Presidente que está em Picuí, cujos avós nasceram na Paraíba, é um homem que não tem ódios, que nunca cravou espinhos no peito de ninguém, que nunca perseguiu ninguém. Que se alguém tem sido o mais atacado e o mais sofrido, nos cinco anos do seu governo, tem sido ele próprio, como o exemplo de que deve se submeter em honra à abertura de um processo da transição democrática.

Aqui, ao nosso lado, temos um exemplo extraordinário do que é o Brasil. Porque nós não podemos, jamais, descrever neste País.

Quando eu estive na China, o Presidente Deng Shiao-Ping, com 84 anos, conversou comigo durante uma hora e vinte minutos. Não me falou do passado, não fez uma queixa, e me falava do futuro. Com 84 anos, falava em 20 anos para frente como se fosse no fim da semana, numa demonstração e numa visão do seu país. Eu então disse a ele: «Agora eu compreendo mais porque os pessimistas morrem cedo e os otimistas vivem muito mais.»

Eu acredito no Brasil, pelo que o nosso País é. Acredito pelos seus territórios, pelas suas riquezas, pela sua história. Mas acredito, sobretudo, pelo seu povo, pelo grande povo brasileiro, que tem exemplos extraordinários.

Se nós pudéssemos pintar, como símbolos, para mostrar uma síntese do que é esse povo, nós podíamos, por exemplo, chegar na Bahia e pegar a Irmã Dulce, frágil como uma pétala, débil como uma folha levada no vento, mas plena de bondade, lutando até para respirar, lutando pelos pobres.

Se nós chegarmos aqui, na Paraíba, nós encontramos Filipe Tiago Gomes. Há 40 anos dedicando a uma causa — e eu posso testemunhar, desde o nascedouro, porque fui fundador da campanha, no Maranhão, há 40 anos, como ele disse, sendo professor — que muito me honra estar meu nome, ainda com aquela assinatura de um estudante de universidade, na Ata de fundação da então Campanha Nacional de Educandários gratuitos, no Maranhão. Filipe Tiago Gomes é um exemplo. E, para reverenciar esse exemplo, eu estou aqui na sua terra natal para dizer que esta terra tem um crédito com o Brasil. É o crédito de ter saído do seu chão este homem extraordinário que tem espalhado bondade, idealismo, exemplos para o Brasil.

Não vou citar mais porque, em cada Estado, nós escolheríamos também um exemplo. Mas, a síntese de todos esses exemplos está em cada um que está nesta praça, homem ou mulher, brasileira ou brasileiro, porque é o povo brasileiro.

Fizeram um discurso que eu teria que ler aqui e que contém uma série de realizações que nós fizemos no Nordeste, da atenção que temos tido para o Nordeste, da vira-

da que nós temos tentado dar para o Nordeste. Mas eu devo confessar, como Presidente, que, o que eu talvez tivesse a dizer ao Nordeste, é que é difícil lutar pelos pobres neste País, mesmo o Presidente, e pelo Nordeste. É preciso mostrar ao País e dar-lhe consciência dessas dificuldades.

E, se há uma coisa última que o homem larga na vida, é a sua terra. E, quando se larga a própria terra, é realmente porque se chegou a uma situação em que o que se tem para sobreviver são os pés, porque as mãos já não são capazes de assegurar a sobrevivência. Caminhar. E o povo nordestino é um povo de caminhantes, de andantes. Andantes, na raiz está o sofrimento. Mas nos olhos está a esperança. Nos olhos está esta fibra extraordinária que permanece dentro de cada um de nós, que nascemos nesta terra e que levamos, desde o exemplo da natureza, até o exemplo maior de só ter medo de não ter medo.

Não quero me alongar mais; não comporta, nesta hora e neste momento, um outro discurso senão o de dizer palavras de gratidão, palavras de agradecimento e desejos de felicidade a todos, em meu nome e em nome da minha mulher que, várias vezes, não uma vez só, mas muitas e muitas vezes, desde que esteve aqui em Picuí, sempre dizia: «Você não vai terminar o Governo sem ir a Picuí para homenagear o povo de Picuí e o Dr. Filipe Tiago Gomes.»

É com este sentimento, portanto, que eu aqui estou homenageando, o Senhor Governador deste Estado, ele que tem sido um homem que tem realizado tão grandes obras e marcado profundamente, com a sua personalidade, a história da Paraíba.

E também, para finalizar, dar uma palavra, daqui de Picuí, para o Brasil e dizer que o Presidente anda preocupado com o nosso País, além de todas as preocupações ao longo de todo o seu mandato. Mas, no momento, com uma preocupação mais séria.

No ano em que as paixões políticas se exacerbam, no ano em que se passa o poder, nós devemos estar preparados para evitar que essas paixões possam truncar o caminho que nós temos construído nestes anos, com tanto sacrifício, para consolidar as instituições democráticas. Falo

da necessidade que nós temos de preservar uma característica do povo brasileiro, que é a característica da paz, e resolver as nossas divergências através de soluções pacíficas, do diálogo, do entendimento.

Quando Tancredo morreu, no seu túmulo, naquela noite fria de São João Del-Rei, eu tive a oportunidade de dizer: «O legado que ele nos deixa é o legado da conciliação.»

Portanto, vamos todos os brasileiros, de qualquer crença, de qualquer partido político, de qualquer matiz, dizer não à violência. Não podemos deixar que manchem a alma nossa de brasileiros com terrorismo. Nós podemos, diariamente, ver nas manchetes as notícias de bombas, as notícias da inconformação com aquilo que a democracia deve ter, que é o regime da maioria respeitando os direitos da minoria. Vamos dizer não à violência. Não vamos aceitar a violência. Não podemos aceitar passivamente que se noticie, nas capitais do Brasil, diariamente, e aceitemos como se fosse uma coisa natural, uma lista de assassinatos, de assaltos, de intranquilidade, de insegurança. Não podemos aceitar que a intolerância possa levar as pessoas a não poderem homenagear ou lembrar fatos ou tragédias que elas desejem lembrar.

Mas não podemos manchar as nossas vidas, vendo que as lutas sindicais, que são marcadas por direitos constitucionais, sejam modificadas e tumultuadas por pessoas que peguem bombas para jogar, talvez levando a vida de quem não tem nada com isso. Nós não podemos pautar a vida nacional, de modo a ler, com certa desconfiança, uma seqüência de eventos, de danos às nossas indústrias siderúrgicas que pertencem ao povo brasileiro, deixando a desconfiança, sem saber onde fica a linha da violência, onde fica a linha da sabotagem e onde está a linha do acidente. Nós não podemos sentir que as nossas hidrelétricas, que dão luz às nossas casas, que alimentam as salas de operações dos hospitais, fiquem num estado de vigília permanente, porque a violência pode, através da sabotagem, chegar a Tucuruí, cortar as linhas de transmissão da CEMIG, em Boa Vista, nas centrais elétricas.

Eu pergunto: isto é o Brasil? É o povo brasileiro? Não. Não é do nosso sentimento, não é da nossa tradição, não é da nossa gente. Nós somos um povo que diz a verdade, que discute, que defende os seus ideais. Mas que respeita a vida humana, mas que respeita a integridade dos indivíduos. A violência nunca cresceu neste País porque o povo brasileiro sempre se levantou contra ela. Fizemos a Independência sem que tivéssemos sangue derramado do povo brasileiro como se fosse a guerra da independência. Fizemos a República da mesma maneira. E temos que caminhar, ao longo da nossa história, sendo o País que hoje somos, a 8ª potência do mundo e a 7ª potência industrial, dentro deste espírito.

E, portanto, não podemos deixar que os radicalismos tomem conta do Brasil num ano em que se precisa de bom-senso e de equilíbrio e não de paixão, de imoderação e de terror.

Daqui de Picuí eu falo ao Brasil, fazendo um grande apelo: vamos dizer não à violência. Vamos construir um ano de eleições democráticas marcando uma página a mais na história deste povo brasileiro, cada um votando como quiser. Podem atacar o Presidente, o que não podem é atacar o Brasil.

Meu caro Filipe Tiago Gomes, meu caro prefeito de Picuí, muito obrigado e muito grato pela carinhosa manifestação que acabo de receber. E o que eu desejo a todos é felicidade, paz e dias melhores à família brasileira e à família de Picuí.